

Um intelectual comunista na periferia do capitalismo: Gildo Marçal Brandão e sua atuação na ‘esquerda positiva’

A communist intellectual on the periphery of capitalism: Gildo Marçal Brandão and his performance on the ‘positive left’

GEORGE GOMES COUTINHO

RESUMO

A relação de Gildo Marçal Brandão com o Partido Comunista Brasileiro se desenvolveu em duas inserções que acabaram se retroalimentando como vasos comunicantes. A primeira dessas vias de relação com o PCB é política: Brandão foi quadro orgânico do Partido Comunista Brasileiro durante parte de sua vida. O segundo ponto de interseção entre Brandão e o PC foi pautado pelo interesse analítico circunscrito pela formação e divisão disciplinar das Ciências Sociais. Justamente este último Gildo, o cientista político e analista profissional, produziu análises acerca dos dilemas e ambiguidades constitutivas do Partido Comunista Brasileiro. Dentre as ambiguidades do partido, Brandão dividiu o PCB em duas frentes: a que chamou de “positiva”, a “direita” do Partido voltada para a luta institucional, contrastando frontalmente com o grupo insurrecional, este último crítico até mesmo do “cretinismo parlamentar” e da concorrência eleitoral. Nosso objetivo neste trabalho é apresentar a inserção político-partidária do militante Brandão, atuação que antecede o cientista político que irá analisar o PCB. Nossa hipótese é a da migração dos posicionamentos do militante para as análises do cientista político sobre a esquerda brasileira no século XX. Neste trabalho serão ressaltadas duas questões: a militância enquanto trabalhador intelectual do PC e sua adesão ao que o próprio analista chamou de “direita do partido”.

Palavras-chave: Gildo Marçal Brandão; Partido Comunista Brasileiro; Democracia

ABSTRACT

The relationship between Gildo Marçal Brandão and the Brazilian Communist Party developed in two directions that resulted in one singular synthesis. The first lineament of this relationship with the PCB is political: Brandão was an organic member of the Brazilian Communist Party for part of his life. The second contact between Brandão and the PC was demarcated by the analytical interest delimited by the Social Sciences. Precisely this last style of approach, where the political scientist and the professional analyst work together, guided us to understand the constitutive dilemmas and ambiguities in the Brazilian Communist Party. Around these ambiguities Brandão divided the Party in two fronts: the first is what he named as "positive", the "right wing" of the Party, focused in the institutional struggle, contrasting with the other side, the insurrectional group, critical of the "parliamentary cretinism" and the electoral competition. Our aim in this article is to show the political-partidary insertion of Brandão as an activist, a moment in his biography that precedes his professional analysis of the Communist Party. Our hypothesis is that many of the activist's positions moves into the political scientist's analysis of Brazilian left in the 20th century. In this work two issues will be highlighted: the political activism as an intellectual worker of the Brazilian Communist Party and its adherence to what himself called, in his professional analysis, the "right wing of the Communist Party".

Key words: Gildo Marçal Brandão; Brazilian Communist Party; democracy.

INTRODUÇÃO – GILDO ANALISTA E MILITANTE¹

A relação de Gildo Marçal Brandão com o Partido Comunista Brasileiro transcorreu em duas inserções que acabaram se retroalimentado como vasos comunicantes. A primeira destas vias de relação com o PCB é política: Brandão foi quadro orgânico do Partido Comunista Brasileiro durante parte de sua vida². Sua militância foi caracterizada pela atuação político-profissional de caráter notadamente intelectual, especialmente durante a ditadura civil-militar, tendo atingido seu apogeu durante o período em que foi o primeiro editor-chefe de *A Voz da Unidade*, jornal do Partido voltado para o público leitor comum e não militante no período da redemocratização.

O segundo ponto de interseção entre Brandão e o PC foi pautado pelo interesse analítico cognitivamente direcionado pela formação e divisão disciplinar/profissional das Ciências Sociais. Diversos trabalhos foram elaborados, o que incluiu artigos, *papers* e sua tese de doutorado em Ciência Política, que teve o PC como objeto de estudo em sua história, trajetória e dilemas. Essas reflexões redundaram em avaliações e apontamentos diversos sobre os caminhos e descaminhos de parte da esquerda brasileira no século XX.

¹ Agradeço ao(à) parecerista anônimo(a) pelos comentários, críticas e sugestões que deram os contornos desta última versão do artigo.

² Brandão teria militado no PCB a partir da década de 1970, não precisando a data exatamente, e prosseguido no Partido até meados da década seguinte (BRANDÃO, 2010a).

Podemos notar que, especialmente nos trabalhos de análise, estes se apresentam enquanto um mosaico multifacetado de personagens, fatos e interpretações de onde é possível traçar uma imagem em movimento do Partidão em suas contradições. Todavia, algumas das preocupações e questões do militante migraram de forma contundente para as análises do Partido em tela.

Nosso objetivo neste trabalho é apresentar a inserção político-partidária do militante Brandão, atuação que antecede o cientista político que irá analisar o PCB. Nossa hipótese é a da migração dos posicionamentos do militante para as análises do cientista político sobre a esquerda brasileira no século XX. Irei me concentrar neste trabalho nesta vivência de Brandão ao se relacionar com o PC: colocarei em relevo o quadro partidário, dispondo de entrevistas e outros recursos bibliográficos, tal como o seu memorial publicado postumamente.

Iremos notar três persistências de posicionamentos e de interpretações teóricas sobre o PC, na conexão entre o militante e o analista, nos seguintes pontos: 1) acerca da relevância da reflexão intelectual de alto nível como ferramenta que consubstancie a ação política; 2) a premência do realismo (ou o que o autor irá chamar de “vitória do realismo”), da imanência no trabalho analítico/político; 3) a opção pela esquerda democrática, a “esquerda positiva”, como o grupo do Partido Comunista que optou pela batalha institucional em detrimento da ação insurrecional foi batizado originalmente por San Tiago Dantas³. Feitas estas delimitações irei me dedicar a *reconstituir* o período de militância intelectual comunista de Brandão.

³ San Tiago Dantas (1911-1964), ministro das Relações Exteriores do governo João Goulart, dividiu as esquerdas em “negativa” e “positiva” na conjuntura do golpe de 1964: “A primeira seria composta pelos núcleos do PTB radical e de outros agrupamentos de esquerda, como o PC do B e as Ligas Camponesas, tendo como principal instrumento político a Frente de Mobilização Popular, e liderança, o deputado Leonel Brizola. Essa esquerda estaria interessada nas reformas a todo custo, não interessando as consequências políticas. Daí, pretenderem as reformas, como dizia Brizola sobre a reforma agrária, ‘na lei ou na marra’. A radicalização dessa esquerda, para San Tiago Dantas, enfraquecia Jango, pois, além de fomentarem agitações que desrespeitavam as vias democráticas, também contribuíam para o recrudescimento das conspirações golpistas. Por isso, era necessário fortalecer a chamada esquerda ‘positiva’ para apoiar o governo e evitar qualquer tipo de golpe de Estado, seja de direita ou de esquerda. É nesse sentido que San Tiago decide formar a Frente Progressista, buscando reagrupar os setores de centro-esquerda, do PTB moderado ao PCB, passando pelo PSD, em torno de um programa comum de reformas.” (ONOFRE, 2010, p. 06). Gildo Marçal Brandão irá se inspirar nesta formulação de San Tiago Dantas para classificar a atuação política no flanco esquerdo do espectro ideológico no Brasil, especialmente os militantes do Partido Comunista Brasileiro, em alguns dos seus trabalhos.

MILITÂNCIA COMUNISTA, PROBLEMA GERACIONAL E A LUTA INTELLECTUAL

Em sessão especial ocorrida durante o 34º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, a ANPOCS, na noite de 26 de outubro de 2010, Gildo Marçal Brandão foi lembrado postumamente e homenageado⁴. Composto a mesa estavam Cícero Araújo, Elide Rugai Bastos, Gabriel Cohn, Teresa Sales e Luiz Werneck Vianna. Especialmente Vianna⁵ apresentou em sua exposição reflexões que interessam para os propósitos desta seção.

O sociólogo e cientista político carioca Werneck Vianna, ex-militante do PCB⁶, reconheceu, na ocasião supracitada, que o grupo do qual fez parte não aderiu em primeira hora ao que poderíamos chamar de um *ethos* acadêmico em um sentido tradicional e/ou idealizado por qualquer exercício imaginativo de boas práticas. Dentre as particularidades do grupo de acadêmicos profissionais oriundos da militância comunista, Vianna frisa a trajetória errática, em “zigue-zague” profissional, e, por vezes, até dotada de uma desconfiança antiacadêmica, que acaba — por caminhos nada ortodoxos e quase por acidente — ingressando na carreira universitária. Sobre esse contexto até mesmo existencial, Lessa (2011) apresenta a seguinte síntese acerca da relação entre os cientistas políticos brasileiros, a participação política e a pluralidade factual da área tanto dos perfis individuais quanto dos temas de pesquisa:

Parte não desprezível dessa pluralidade pode ser debitada ao envolvimento de parte significativa dos praticantes do campo com questões de natureza política, na qualidade de cidadãos e militantes. Até meados da década de 1980, o envolvimento dos politólogos — e dos cientistas sociais em geral — com questões de natureza pública não era infrequente. (LESSA, 2011, p.46)

⁴ Em outras ocasiões Luiz Eduardo Soares (2010), Luiz Carlos Bresser-Pereira (2010), Elide Rugai Bastos (2010), Marcelo Ridenti (2009), Marco Aurélio Nogueira (2009), Brasílio Sallum Jr (2010), Juca Kfourri (2014), que lamentou a perda de um “amigo querido”, publicaram notas póstumas homenageando a produção de Gildo Marçal Brandão ou trazendo memórias do contato pessoal e/ou profissional com o cientista político alagoano.

⁵ A apresentação de Luiz Werneck Vianna e de seus colegas de mesa citados encontra-se disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=TaME1_LQvZ0, Acesso em 15 de janeiro de 2015.

⁶ Para breves apontamentos biográficos onde se apresentam continuidades e possíveis dissonâncias entre militância comunista e trajetória intelectual do autor, ver Vianna (2006).

Retomando Vianna, imerso até a medula na síntese militante/analista político profissional, na homenagem póstuma a Brandão, em determinado momento de sua fala ele apresenta a seguinte constatação e demanda: “*Você não escreve sobre a sua geração. Eu não tenho paciência, não tenho vontade. Mas, é preciso que alguém escreva.*”. Werneck Vianna se reconhece, portanto, como partícipe de uma geração dotada de contornos discerníveis. É útil, a partir deste ponto, formalizarmos brevemente o que compreendemos enquanto geração em uma perspectiva sociológica. Consideramos Brandão, nosso personagem principal, partícipe de uma geração junto a outros indivíduos, o que inclui o próprio Werneck Vianna.

Mannheim (1982) depreende que a geração, assim como no caso das classes e nas organizações, implica uma *situação social* compartilhada onde a delimitação biológica — afinal falamos de seres vivos — permite concretamente a vivência comum em determinado momento histórico durante um período limitado. Portanto — Mannheim alerta — partilhar de uma mesma geração é muito mais do que meramente nascer em um mesmo ano. Muito provavelmente, se Pécaut (1990) tivesse levado para seu trabalho essa recomendação mannheimiana, ele não se teria deparado com o problema factual da heterogeneidade por vezes pouco heurística que encontrou em sua história intelectual do Brasil⁷ do século XX. Concordando com o sociólogo húngaro, partilhar de uma geração necessita de algo mais do que meramente estar vivo junto a outros em uma determinada época. Há a necessidade do compartilhamento simbólico, cultural etc..

Por conseguinte, utilizando a inspiração conceitual de Mannheim (*Op. Cit.*) para começar a atender parcialmente a demanda de Werneck Vianna, podemos delimitar a geração que aqui nos interessa a partir de um período histórico comum específico: parte da década de 1970 e o período de democratização no esfacelamento da ditadura civil-militar. Além disso, estamos falando de um determinado grupo geracional de intelectuais, ainda em processo de formação e profissionalização intelectual, que não era apenas de participantes

⁷ Daniel Pécaut dividiu seu trabalho analítico a partir de duas gerações de intelectuais que considerou fundamentais no Brasil: primeiramente a que atuou entre 1925 e 1940 e, posteriormente, os intelectuais que atuaram entre 1954 e 1964. Não obstante a justificativa para estes recortes — o processo de formação do Estado-Nação, no primeiro período, e o corte institucional da ditadura civil-militar, no segundo —, Pécaut acaba por chegar a um resultado profundamente heterogêneo na construção dos perfis das gerações. Afinal, por exemplo, em uma das gerações aparecem ao mesmo tempo personagens díspares como Jorge Amado, Plínio Salgado e Carlos Lacerda. O recorte puramente temporal em si não poderia permitir outro resultado que não fosse uma miscelânea.

da *sociedade civil comunista*⁸. Eram indivíduos organicamente vinculados ao PCB, formalmente filiados, que auxiliaram, ou tentaram auxiliar, na pluralização da indústria cultural brasileira (RIDENTI, 2010) a partir da disponibilização para o público de uma produção artística ou cultural ou teórica dotada de caráter crítico naquele período. Isso sem deixar de ser uma militância intelectual que, ao mesmo tempo, tentava reorganizar nacionalmente o Partido.

Com tudo isso, ainda havia o protagonismo da opção política que pode ser sintetizada na proposta de Coutinho (1979) da democracia enquanto valor universal⁹, o que redundou, para este grupo, na defesa de uma prática *politicista* da ação política em detrimento da via insurrecional (BRANDÃO, 1988; 1989; 1997). Empreendimentos comuns, valores compartilhados e um *zeitgeist* específico constituem aqui uma *situação social* particular, como caracterizou Mannheim, e nos permitem diferenciar esta unidade geracional de outros grupos contemporâneos até mesmo na esquerda.

Nestes termos, Gildo Marçal Brandão vivenciou individualmente todos os elementos teóricos e programáticos acima em ações, vinculações, espaços e valores dos intelectuais comunistas com quem conviveu e partilhou a mesma época. Inclusive, sua opção por uma militância intelectual derivou de uma condição singular: “Renovei a minha recusa de mergulhar na clandestinidade — o que teria um cardíaco a fazer em tal condição?” (BRANDÃO, 2010b: p.46).

Nas próximas seções iremos apresentar subsídios que auxiliam em nossa tarefa de apresentar Brandão enquanto membro individual do grupo geracional em tela.

O COMUNISMO *DE* MARÇAL BRANDÃO

[...] a razão pelo qual o comunismo atraiu tantos dos melhores homens e mulheres de minha geração e o que significava para nós ser comunista são sem dúvida temas centrais na história do século XX. Isso porque nada é mais característico desse século do que aquilo que meu amigo Antonio Polito chama de 'um dos grandes demônios do século XX: a paixão política'. A expressão quintessencial disso era o comunismo. (HOBSBAWM, 2002, p.148)

A epígrafe desta seção, pinçada da autobiografia do historiador Eric Hobsbawm, resume a opção da adesão a um movimento político de profundo impacto no século

⁸ Termo proposto por Nogueira (1983) para designar grupos de intelectuais e artistas simpatizantes do Partidão que, no entanto, não eram membros orgânicos da rotina do PCB ou mesmo filiados ao partido. Conforme avalia Pécaut (1990), essa constelação de intelectuais, artistas e ativistas independentes conseguiu ser dotada até de maior impacto do que o PC na opinião pública brasileira.

⁹ Para um mergulho em profundidade da relação entre intelectuais comunistas deste período e a defesa intransigente da democracia ver Ramos, 2013 e Lucca-Silveira, 2017.

passado. O movimento comunista — tal como a sua filosofia vinculada, o marxismo em suas derivações — decerto se espalhou pelo mundo com particularidades¹⁰. Porém, dentre os traços que se repetem, em determinados militantes/adeptos há justamente a persistência do sentimento da paixão, por vezes devoção, destacada por Hobsbawm. Brandão, em longa entrevista concedida ao jornalista Ricardo Carvalho, cinco dias antes de seu falecimento, apresentou a seguinte analogia sobre a relação entre ser comunista, o sacerdócio e o fervor religioso:

Era uma opção de vida. Era opção de vida. Isso é igual a você ser padre. Isso é igual a você ser padre. É uma opção. Tudo! Tudo fica subordinado a isso! Tua vida é isso! Não é que você milita num partido e tem a tua vida. Não! É tudo! Toda tua vida, toda tua vida e todas tuas relações. (BRANDÃO, 2010a)

Mais adiante a metáfora de cunho religioso é apresentada novamente:

O mundo velho comunista é um mundo, o Partido Comunista era uma religião e é uma espécie de catedral. O que é uma catedral? Você entra em uma catedral e você tem o altar, você tem as estações, os santos (...) quer dizer, você conta a historinha, você tem regra pra tudo, você pecar você tem isso, tem aquilo [...] você faz assim, confissão, tem sacramento, tudo isso o mundo comunista tinha [...]. (BRANDÃO, 2010a)

Na entrevista, que rememorou sua trajetória como militante do PC, Brandão abordou sua experiência de editorialista na imprensa comunista e fora dela. Ao apresentar as metáforas religiosas acima referidas, foi provocado pelo entrevistador a explicar para as “novas gerações” deste século XXI o que significava ser vinculado ao Partido Comunista. Conforme Motta (2013), esse caráter de religião secular não deve ser desconsiderado na descrição da cultura política comunista¹¹. Embora Brandão tenha tentado ilustrar em sua perspectiva “o que era ser comunista”, ele se considerava pertencente a um grupo diferente:

¹⁰ Vide no Brasil, dentre outras possibilidades, o processo de “nacionalização do marxismo” no bem sucedido trabalho de Caio Prado Jr. analisado em pormenores por Ricupero (2000). Ou em Motta (2013), que discutiu diretamente o que chamou de “cultura comunista brasileira” onde: “O argumento é que embora integrassem movimento internacional, com padrão de valores, normas e práticas semelhantes em todos os lugares, os comunistas eram também influenciados pela cultura política do país” (Ibid: p. 30).

¹¹ “Contradizendo suas convicções materialistas, os comunistas deram origem a um tipo de religião política que atraía ‘devotos’ e apelava à fé de seus aderentes, operando de maneira semelhante à tão criticada religiosidade tradicional” (MOTTA, 2013, p. 23).

[...] mesmo nós que éramos uma geração de gente que lidava e sabia o seguinte: o mundo imaginário do velho comunismo não tem mais futuro, nós sabíamos disso. (...) Mas, nós éramos de uma geração, os companheiros, quer dizer, não sei se eu estou extrapolando, racionalista. Tínhamos um lado racional do marxismo e não tínhamos, tínhamos uma vinculação maquiavélica com a política, isto é, realista, nós éramos políticos, ou queríamos ser, políticos realistas. E sabendo que o objetivo máximo que a gente tinha era democracia. Nós éramos todos galvanizados pela ideia da democracia né? Então, isso era o que nos movia. Não era tanto a revolução. Claro que idealmente você, eu me lembro quando eu li a história da revolução russa do Trotsky, li garoto, li adolescente, fantástico aquilo né? Era um romance. Você gostaria de fazer uma coisa daquela? Claro que gostaria! Certo? Mas, o que a gente queria mesmo era ser político realista. Analista das coisas, não se enganar, não se iludir, fazer o que (pausa). Porque, também nós éramos calibrados por uma avaliação de por que nós tínhamos sido derrotados em 64. (BRANDÃO, 2010a).

Nota-se, neste último trecho da análise retrospectiva de Brandão, a ruptura parcial com a perspectiva da geração anterior de militantes, sem abdicar da paixão simbioticamente abraçada com a razão, o que redundava na quebra de uma visão de mundo similar a uma religião secularizada e no rechaço a parte dos seus contemporâneos tomados por um “[...] *radicalismo abstrato e politicamente suicida* [...]” (BRANDÃO, 2010a)). Tratava-se de um conjunto de novas interpretações e avaliações políticas e teóricas resultantes de duas grandes inflexões históricas, uma internacional e outra nacional. Abordando o primeiro desses traumas, Hobsbawm assinalou, em sua autobiografia (*Op. Cit.*), o impacto simbólico e político causado pela abertura dos arquivos do comunismo realmente existente. Essa circunstância deflagrou profundas crises de identidade em toda a esquerda ocidental. Particularmente os *Gulags*, os expurgos, perseguições e congêneres inspiraram muitos intelectuais ocidentais ou a abandonarem o Partido ou a buscarem linhas alternativas de análise e atuação no cenário pós-stalinismo e, em decorrência, serem críticos a projetos autoritários inclusive no flanco esquerdo do espectro político.

Já no âmbito nacional, o trauma ocasionado pela longa noite da ditadura civil-militar e seus antecedentes igualmente produziu modificações profundas no grupo geracional de militantes comunistas que estamos privilegiando neste trabalho. Trata-se, aqui, de um diagnóstico *negativo* da atuação da facção insurrecional do PCB, e também de parte das esquerdas brasileiras que aderiram tanto à radicalização política no governo João Goulart (1961-1964) quanto, posteriormente, ao *ethos* da luta armada na ditadura civil-militar.

Em outros termos, embora Brandão evidentemente não atribua o ocaso democrático de abril 1964 estritamente ao que considera equívocos da esquerda brasileira, e tampouco aos erros dos comunistas, nota-se na avaliação em retrospectiva a atribuição de *parcela de responsabilidade histórica* ao setor que atuava neste lado do espectro político naquele momento. Utilizando um jargão de origem belicista muito empregado pela esquerda, que remonta a uma apropriação de Lenin do trabalho de Clausewitz¹² e posteriormente largamente aplicada por Coutinho (1979), podemos dizer que a crítica de Brandão é de caráter *tático*. Em sua leitura, não obstante os mais nobres objetivos estratégicos da esquerda brasileira na época, a opção tática pela radicalização trouxe mais ônus que bônus e contribuiu com o processo explosivo de endurecimento da repressão dos comunistas e dos demais setores não alinhados com o regime militar. A opção radical no contexto de Guerra Fria levou água ao moinho da justificativa no imaginário político e social de que havia um *inimigo interno* a ser abatido. Remontando ao período supracitado em seu *Memorial* nosso autor é ainda mais enfático: “Naquele tempo, a maioria da esquerda ainda defendia a luta armada, o voto nulo e o boicote às ‘instituições burguesas’, mesmo com todas as evidências do fracasso dessa política.” (BRANDÃO, 2010b, p. 49).

A opção pelo que definiu como tática *politicista* (BRANDÃO, 1988; 1989; 1997) de ação se apresentou como uma possibilidade racionalmente orientada diante da perspectiva — construída e compartilhada por nosso autor e seu grupo¹³ — de contraposição ao fracasso de outras alternativas. Porém, cabe uma importante ressalva: trata-se aqui de uma recepção *positiva* do termo “politicista”. José Chasin (1937-1998), filósofo atuante na mesma conjuntura e também participante ativo de um dos empreendimentos editoriais que iremos citar adiante, teria proposto pela primeira vez uma sistematização da “politicização” e uma crítica ácida ao *politicismo* (RAGO FILHO & VAISMAN, 2008). É oportuno contextualizar.

¹² Segundo Tony Cliff (1975), Lenin é o primeiro a “importar” a distinção conceitual entre estratégia (objetivo final) e tática (medidas operacionais de curto ou médio prazo) para a análise política concreta no marxismo/comunismo. Posteriormente Stálin segue o traçado leninista em suas conferências de 1924 reunidas com o título “Sobre os fundamentos do Leninismo”, dedicando um capítulo ao mesmo par conceitual (STÁLIN, 1954).

¹³ “A partir de 1976 por aí a gente começa a reorganizar o Partido Comunista em São Paulo e no país. Quem eram, quem começava? Uma geração nova, jovem, e alguns velhos comunistas. Mas, em geral, era uma geração muito jovem, na época na faixa dos seus 25/30 anos e que começa a reorganizar o Partido num clima já de luta, num momento em que a ditadura começa a fazer água. O projeto de abertura, etc.. E isso tem um crescimento grande, sobre tudo em São Paulo.” (BRANDÃO, 2010a).

Chasin ingressou no PCB ainda na década de 1960 e foi um dos grandes responsáveis pela recepção brasileira da obra de Georg Lukács, tal como Brandão e outros militantes intelectuais do Partido¹⁴ (RAGO FILHO & VAISMAN, 2008; NIERI, 2007; BARBOSA, 2011). Contudo, a adesão orgânica ao PC ou mesmo o compartilhamento dos mesmos espaços acadêmicos ou de militância não implicaram posicionamentos em uníssono do próprio Chasin ou de seu grupo (RAGO FILHO E VAISMAN, 2008). No caso particular, embora eles não considerassem a luta institucional democrática irrelevante, o artigo de Chasin publicado em 1976 (três anos antes de “A democracia como valor universal”, de Carlos Nelson Coutinho) abriu a possibilidade da crítica posterior ao “democratismo” (RAGO FILHO E VAISMAN, 2008), termo nitidamente pejorativo, que iria supostamente acometer parte do grupo geracional de comunistas que estamos destacando.

Chasin, em seu “A ‘politização’ da totalidade: oposição e discurso econômico”, , seguindo as premissas lukacsianas ontológicas da centralidade do mundo do trabalho, colocava a prioridade da luta política justamente na base econômica, na luta de classes orientada materialmente no modo de produção capitalista. Essa premissa irá aproximar Chasin e seu grupo dos comitês de greve e sindicatos (RAGO FILHO & VAISMAN, 2008). A perspectiva institucional/politicista apresentou outra agenda de ação por se concentrar mais, na ótica de Chasin, na democracia política e menos na democracia social. A opção de Brandão e seu grupo seria uma perspectiva, seguindo Chasin (1976), ontologicamente equivocada e falseadora ante o real. Veremos um pouco mais adiante que as discordâncias entre o grupo de Chasin e o grupo ao qual Brandão tomou parte — que seria portador do “italianismo” (RAGO FILHO & VAISMAN, 2008) — não ficaram restritas ao debate teórico ou às táticas políticas.

¹⁴ Georg Lukács, intelectual húngaro marxista, obteve uma recepção singular no Brasil. Utilizado como leitura de apoio nos seminários de O Capital no ano de 1958 (SCHWARZ, 1999), especialmente com a obra clássica *História e consciência de classe*, Lukács foi traduzido posteriormente no país por sua filosofia da literatura ainda na década de 1960, angariando a simpatia de marxistas-comunistas como Carlos Nelson Coutinho, o já citado José Chasin, Leandro Konder e José Paulo Netto. Brandão participa de alguma maneira deste grupo que recebe o trabalho de Lukács em solo brasileiro seguindo interesse específico. Nosso autor foi o tradutor dos anexos da tese de Michael Löwy publicada pela primeira vez no Brasil em 1979 pela Livraria e Editora Ciências Humanas com o título “*Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*” reeditada pela editora Cortez em 1998 apresentando um novo título: “*A evolução política de Lukács: 1909-1929*”. Nos anexos encontram-se uma entrevista de Ernest Bloch, concedida a Michel Löwy, e os textos “*Idealismo conservador e idealismo progressista*”, “*O bolchevismo como problema moral*” e “*Prefácio à greve de massas de Rosa Luxemburg*”, estes últimos todos da lavra de Lukács.

Retomando Brandão e seu grupo, a opção politicista — ou simplesmente a atuação política dentro das instituições — foi a grande tática e diretriz adotada na militância intelectual que irá se plasmar em projetos editoriais: as revistas *Escrita/Ensaio* e *Temas de Ciências Humanas* e o trabalho como primeiro editor-chefe do jornal *Voz da Unidade*.

A revista *Escrita/Ensaio* manteve uma periodicidade descontínua e existiu entre 1977 e 1983. Conforme Valdati (1998), a revista *Escrita/Ensaio* era uma derivação da revista *Escrita*, criada em 1975 por Wladyr Nader, a qual seguia o espírito de tentativa de diversificação da indústria cultural brasileira (RIDENTI, 2010) e enveredava pelo caminho da imprensa alternativa: “Escrita nasce como uma alternativa para os descontentes com a enxurrada de informações, nem sempre corretas ou bem depuradas, que chegam através dos outros meios de comunicação” (NADER *apud* VALDATI, 1998, p. 30). A revista *Escrita* se propôs a divulgar primeiramente novos escritores para o mercado editorial brasileiro.

Em 1977 (VALDATI, 1998.) a revista original derivou em mais dois projetos independentes: a *Escrita/Livros* e a já citada *Escrita/Ensaio*. A *Escrita/Livros* durou apenas dois números. Já a *Escrita/Ensaio* foi finalizada em seu décimo segundo número. Em seu memorial, Brandão (2010b) afirma que criou a *Escrita/Ensaio* junto a Marco Aurélio Nogueira, tendo por objetivo a divulgação da produção da grande área de humanidades visando “suprir o vazio” deixado por outras publicações enfocando a realidade brasileira “[...] *com dossiês sobre cultura e nação, economia e política, movimento sindical*” (BRANDÃO, 2010b p. 53). Na *Escrita/Ensaio* Brandão (2010b) colaborou em quatro números.

Após a experiência da *Escrita/Ensaio* a realização da *Temas — Revista de Ciências Humanas*, trabalho editorial que vigorou entre os anos de 1977 e 1981, contando com dez números (BRANDÃO, 2010b) — redundou na aproximação mais sistemática com as propostas dos comunistas politicistas daquele período. Embora tenha frisado que se tratava de publicação com interesse acadêmico *ma non troppo*, Brandão, que atuou na edição da *Temas* até o número 08 (BRANDÃO, 2010a), observa que “todo mundo sabia que era do pessoal comunista”, ainda que não fosse formalmente vinculada ao Partido e tampouco devesse ser pautada exclusivamente por este e seus interesses. De alguma maneira, portanto, podemos considerar a *Temas* uma revista que contou também e não só com comunistas da vertente politicista e era voltada para a *sociedade civil comunista* e demais setores progressistas brasileiros. Cabe ressaltar que, após o golpe de Estado que implementou a

ditadura civil-militar de 1964, a *Temas* seria, como afirma Brandão, a primeira revista no Brasil a reunir efetivamente intelectuais comunistas (BRANDÃO, 2010a).

Tanto no Memorial quanto na entrevista para Ricardo Carvalho, a paternidade da *Temas* é corporificada na dupla Brandão e Marco Aurélio Nogueira. Na entrevista com Antônio Rago e Ester Vaisman, oriundos do grupo de José Chasin, há acréscimos:

O grupo que coordenava a revista era composto por Chasin, Werneck Sodré, que estava no Rio, Marco Aurélio Nogueira e Gildo Marçal Brandão, que foram professores da Escola de Sociologia e Política. Mais tarde esses dois últimos demonstraram um comportamento altamente reprovável. Mas o que importa nesse momento é que, quando a Revista *Temas* é criada, Chasin se propõe a chamar para dentro dela os lukacsianos que estavam no exílio em vários países: Leandro Konder estava na Alemanha, Carlos Nelson Coutinho na Itália, e José Paulo Netto em Portugal. (RAGO FILHO E VAISMAN, 2008, p. 249).

Brandão seguiu uma linha um pouco diversa para explicar o surgimento da *Temas*:

Nós éramos mais marxistas do que comunistas e nós, pra ter uma ideia, nós convidamos pra fazer parte do comitê editorial da revista duas figuras modelares na época. Uma era o Nelson Werneck Sodré, que era mais distante da gente, e outra era Caio Prado Júnior. Nós convidamos os dois pra balizar “eis de onde nós somos, de onde nós viemos”. Era pra dizer, sem dizer, nós éramos dessa tradição. O que tinha na época era o que? O Cebrap, Cedec... O Caio Prado não aceita. O Nelson Werneck aceita. **Então, a revista foi feita por mim, pelo Marco, que foi quase que um secretário editorial, o Raul¹⁵ que era o dono da editora e fazia parte também, embora não aparecia o nome, mas, era o dono da editora.**” (BRANDÃO, 2010a, grifos nossos).

Na longa entrevista de uma hora e quarenta e quatro minutos concedida por Brandão a Ricardo Carvalho, o nome de José Chasin é citado uma única vez. Embora a citação tenha ocorrido no contexto em que a *Temas* é lembrada, Brandão coloca Chasin junto a Marco Aurélio Nogueira, incluindo-se evidentemente, enquanto parte daqueles que irão propor uma recepção mais rigorosa do marxismo, sem deixar de serem comunistas: “[...] nós tínhamos uma enorme resistência, nós queríamos uma coisa do marxismo, do comunismo, teoricamente consistente, analista e coisa [...]. E o comunismo tinha um enorme desprezo pelos intelectuais, era ativista, era conservador, era, era velho!” (BRANDÃO, 2010a). Desta maneira era uma revista com disposição acadêmica *ma non troppo*

¹⁵ Brandão refere-se a Raul Mateos Castell. Espanhol de nascimento, Raul foi o criador da Livraria e Editora Ciências Humanas em 1976.

no seguinte aspecto: a demanda por estudos marxistas sistemáticos convivía com um traço relativamente antiacadêmico, ou ao menos contra o *establishment* acadêmico brasileiro daquele período.

A rebeldia de Brandão não se concentrava exclusivamente contra os “velhos” comunistas. Relembrando o depoimento de Werneck Vianna na homenagem póstuma ao nosso autor em 2010 na ANPOCS, o sociólogo carioca trouxe enquanto memória o convite inusitado de Brandão, acompanhado de David Capistrano da Costa¹⁶, para participar de uma revista “contra a USP”. A revista em questão era a *Temas* onde se apresentou a proposta da crítica da “[...] visão acadêmica, que adora ficar doutrinando sobre os ‘erros’ historicamente cometidos pelos ‘práticos’.” (BRANDÃO & NOGUEIRA, 2010, p. 209). Os “práticos” em questão seriam os envolvidos na política, na militância partidária.

Portanto, nos projetos editoriais, o traço da *militância intelectual* do grupo geracional é destacado mais vez. Porém, nem na entrevista e tampouco no memorial Chasin é citado de forma explícita junto à *Temas*. Rago e Vaisman têm uma memória diversa da criação da revista: “Toda a concepção inicial da revista foi de responsabilidade de Chasin, ou seja, não apenas a concepção da capa da *Temas*, mudando de cor a cada número, mas a própria concepção inicial da revista, tanto em termos teóricos quanto ideológicos.” (RAGO FILHO E VAISMAN, 2008, p. 270).

O momento da criação da *Temas* lidava com o retorno progressivo dos exilados, voluntários ou não, da ditadura civil-militar. Neste ponto há consenso entre Brandão e o grupo de Chasin na avaliação da experiência. A *Temas* também funcionou, portanto, como forma de recepcionar os que estavam voltando para o Brasil. Porém, não voltaram ao país somente as pessoas. Com elas veio também na bagagem o que ficou conhecido por *eurocomunismo*.

O discurso do Berlinguer é uma análise do Chile, quando Berlinguer lança a tese do compromisso histórico né? Nós éramos partidários do compromisso histórico e isso se refletia no Brasil porque nós olhávamos a ditadura e sabíamos que não derrotaríamos a ditadura com luta armada. Era impossível derrotar o regime militar. Nós poderíamos, nós não usávamos inclusive o termo “derrubar a ditadura”. Nós usávamos o

¹⁶ David Capistrano da Costa Filho (1948-2000) foi membro do PCB e do PT em sua militância. Médico de formação, o ex-prefeito de Santos (SP) é lembrado diversas vezes por Brandão no decorrer de sua produção e recebeu o obituário escrito por nosso autor, intitulado “*Meu amigo David Capistrano*”. O texto de homenagem póstuma foi republicado na coletânea organizada por Simone Coelho.

termo “derrotar a ditadura”. Porque a ideia era o que você faria luta de massa e luta de massa, à base de frente democrática, significava o seguinte: você tentar dividir o regime, atrair o máximo possível de gente [...] claro que você só conseguiria aumentando força do lado de cá, dividir o regime pra derrotá-lo, pra acuá-lo tá certo? Então nós atuávamos o tempo todo, o que significava que nós tínhamos que disputar em todas as instituições, onde tivesse nós tínhamos que estar presente e não com essa bobageira que a esquerda tinha de “não, isso aqui é burguês, isso é coisa da burguesia”. (BRANDÃO, 2010a)

Brandão cita Enrico Berlinguer e seu discurso de 1977 em Moscou nas comemorações dos 60 anos da Revolução Russa. Berlinguer, que também é referência de Coutinho (1979), foi dirigente do Partido Comunista Italiano e defendeu a indissociabilidade da democracia junto ao socialismo. Em verdade, não haveria socialismo de fato desconsiderando a questão democrática, algo que terá profundas reverberações no interior do comunismo brasileiro, especialmente no grupo geracional que estamos apresentando: “[...] esse grupo de intelectuais buscou reavivar e explicitar, buscando uma conciliação (a nosso ver, inovadora) entre prática democrática e teoria política marxista, no interior do comunismo brasileiro.” (LUCCA-SILVEIRA, 2017, p. 84, parênteses do autor).

Cabe notar que inclusive o PCI, para além da influência intelectual de Berlinguer, figurava enquanto *modelo a ser seguido* para Brandão:

Qual era o modelo? O PCI, o Partido Comunista Italiano. Não porque nós fôssemos homens do Partido Comunista Italiano, mas porque era o único Partido no ocidente que tinha base de massa, uma vida intelectual com um fervor enorme, ultrarrica, com dirigentes cultos, que era outra coisa que nos fascinava. Dirigentes que eram intelectuais, pô! Você pegava um Togliatti, Berlinguer, Amendola [...] essa gente não só, aliás, a comparação com o Brasil é uma tristeza, eu sei porque eu escrevi livro pra dirigente comunista assinar tá certo? Quantos dirigentes comunistas escreveram algum livro? Se pega os italianos é um.(pausa).. aliás, nem os franceses chegam aos pés. Soviéticos nem se fala, né? Chineses, soviéticos, tudo isso, cubanos, tudo umas bobagens né? O que nos interessava era a Itália, era um pouco o eurocomunismo... (BRANDÃO, 2010a).

O posicionamento do grupo de Chasin, voltando para a *Temas*, era absolutamente crítico ao que denominavam pejorativamente de *italianismo*:

No caso da *Temas*, por exemplo, nós tentamos impedir o Sr. Raul e Marco Aurélio Nogueira de italianizarem a *Temas*, ou seja, de abraçarem o eurocomunismo, impedir que a *Temas* se transformasse em uma espécie de moeda de troca de interesse pessoal... Chasin, eu tenho toda essa correspondência, enviou inúmeras cartas para Raul, para Gildo

[Marçal Brandão], para Nelson Werneck Sodré... “Por favor, não deixem que a *Temas* vire moeda de troca para o italianismo...”. Porque, o pessoal que voltava voltava sob influência do eurocomunismo. [...] Criticamos, assim, a noção de democracia como valor universal. Foi uma briga muito violenta, mas, contraditoriamente, ironicamente, assumindo o Partido; quando nós devíamos ser uma tendência dentro do Partido, brigando contra o Partido, nós o assumimos, caímos no artilho do partido.” (RAGO FILHO E VAISMAN, 2008, p. 268, colchetes e itálicos dos entrevistadores).

Utilizei a *Temas* e o diálogo entre agentes de uma mesma geração parcialmente antagônicos — afinal todos eram comunistas do Partido, não desconsiderando as diferenças contundentes aqui explicitadas — como um pano de fundo para ilustrarmos como se processou a militância intelectual de Brandão e suas opções políticas na conjuntura que irão atingir seu ponto culminante no trabalho de nosso autor como editor-chefe da *Voz da Unidade*. A experiência editorial da *Escrita/Ensaio* e da *Temas* explicaria justamente — inclusive para o próprio Brandão — o convite para se tornar o primeiro editor-chefe do primeiro jornal comunista brasileiro vinculado oficialmente ao Partido no contexto histórico da redemocratização:

Então, eu era jornalista, trabalhava já na Folha desde 76/77, já tinha um certo nome, e eu tinha editado a Revista *Temas* de Ciências Humanas, que foi uma revista acadêmica importante na época, com muita influência numa geração jovem. Tinha feito, editado livros, tinha uma experiência editorial. Editei uma revista chamada *Escrita/Ensaio*, eu e Marco Aurélio, e a gente tinha uma certa presença, uma certa liderança. Acontece, e ainda era dirigente dos jornalistas, dirigente dos jornalistas comunistas, da organização. (BRANDÃO, 2010a).

Não obstante o caráter irônico e bem humorado com que lidava com suas limitações de saúde, inclusive reputando a elas sua motivação existencial¹⁷ para aceitar o convite para ser editor-chefe d’*A Voz*, ainda encontramos outras motivações que não incluem apenas suas credenciais profissionais e experiência pregressa na bagagem para arcar com o projeto do jornal semanal do PCB. Brandão reconhece que “*Os jornalistas comunistas de nome não podiam ou não queriam assumir o risco [...]*” (BRANDÃO, 2010a). Retomando o

¹⁷ “Cardíaco, já vinha de operação em operação[...] 79 eu tinha tido uma embolia pulmonar, sobrevivi por acaso. Então, eu olhei pra mim e digo: ‘Eu tô com trinta anos, nada na biografia, não fiz nada! O que que eu tenho a perder? Eu não sobrevivo mais de dois anos’. Então, me meti na aventura. Que foi uma aventura né? Aliás, uma maravilhosa aventura. Aos poucos você vai percebendo que você não morreu e continua (ri). Não é? Então, eu me meti, do ponto de vista individual, foi isso.” (BRANDÃO, 2010a).

contexto do período de redemocratização, o PCB prosseguia ilegal. O jornal foi criado em 1980 e, embora houvesse a reorganização da comunistas institucionalistas (ou politicistas) no MDB¹⁸, os membros do Partido fora do Comitê Central não assumiam publicamente naquele momento sua condição de comunistas¹⁹. Conforme o próprio Brandão avalia, as sanções eram previsíveis e duras:

[...] eu fui o primeiro, primeiro cara do país que não era do Comitê Central de PC nenhum a assumir a condição de comunista. Aparece nacionalmente na condição de comunista. Cê lembra que na Folha²⁰ foi um escândalo, as pessoas não sabiam, não é? Eu fui demitido na época. Tinha que ser demitido. (BRANDÃO, 2010a).

Em outros termos, a experiência profissional individual de Brandão e a perseguição política do apagar das luzes da ditadura civil-militar, que ainda causava constrangimentos na década de 1980 e afastou jornalistas mais experimentados, produziu a brecha para nosso autor, com 31 anos de idade, ser o primeiro editor-chefe d'A *Voz* entre março de 1980 e junho/julho de 1981. O jornal continuaria existindo até 1991, momento em que o mundo comunista realmente existente se liquefez após os tremores desencadeados pela *Perestroika* e pela *Glasnost* na antiga URSS.

N'A *Voz* há a migração de algumas das premissas valorativas e políticas que já apareciam no momento da *Temas*. Em entrevista sobre a *Temas*, concedida por Marco Aurélio Nogueira e Brandão²¹, ambos são enfáticos ao reconhecerem o projeto editorial da revista vinculado ao [...] fortalecimento da nossa sociedade civil e da democratização do

¹⁸ Cabe frisar que não somente os comunistas politicistas se agruparam no MDB. Parte da centro-esquerda do período, o que incluía os intelectuais profissionais que fundaram o CEBRAP, também prestaram assessoria e atuaram intimamente junto do Movimento Democrático Brasileiro. Os outros grupos de esquerda optaram pelo Partido dos Trabalhadores e o CEDEC. Os grupos mais no extremo deste lado do espectro político ainda insistiam na luta armada (LAHUERTA, 2001).

¹⁹ Durante a entrevista para Ricardo Carvalho, Brandão cita, dentre outros jornalistas renomados na época, Juca Kfouri como um dos colaboradores do semanário. Kfouri assinava suas matérias utilizando o pseudônimo de "Marcos Claudio". Evidentemente a utilização deste tipo de expediente em colaborações na imprensa ou no mundo artístico, o pseudônimo, era uma das muitas estratégias utilizadas pelos opositores do regime para atuarem no espaço público nacional sob repressão. É notável que mesmo no início da década 1980, período em que o jornal do PCB ganha as ruas, os participantes da empreitada ainda necessitassem deste tipo de artifício para evitar problemas com a justiça, a polícia ou com seus patrões.

²⁰ Nosso autor foi demitido por Boris Casoy na Folha de São Paulo em 1980, logo após assumir a condição de editor-chefe da *Voz da Unidade*.

²¹ Utilizamos aqui a versão da entrevista, que ocorreu na década de 1980, publicada na coletânea organizada por Simone Coelho em 2010.

país” (BRANDÃO & NOGUEIRA, 2010, p. 201). Em outro momento na mesma entrevista Brandão é ainda mais explícito:

[...] entendamos que ela expressa, em nível intelectual, os objetivos universais do agrupamento sócio-histórico estrutural e estrategicamente mais identificado com a democracia, e finalmente, que ela assume como ponto fundamental a luta pela unidade da mais ampla frente democrática” (BRANDÃO & NOGUEIRA, 2010, p.207).

No momento do *frentismo democrático*, opção por um amplo leque de alianças em prol da redemocratização do país — no qual os comunistas politicistas se concentraram (RAMOS, 2013; LUCCA-SILVEIRA, 2017), a *Temas*, como vimos e dentro de suas características, de alguma forma antecipa o trabalho de Brandão como editor-chefe no jornal. Sobre a direção política d’*A Voz*:

Primeiro: nós lutamos a favor de uma frente democrática. Quer dizer, nós recusamos qualquer, qualquer tentativa de luta armada, qualquer coisa desse tipo [...]. Assumimos luta eleitoral, assumimos luta de massa, somos favoráveis a participar de todas as instituições, somos favoráveis a participar do MDB, a oposição real é essa. [...]. Nós não vamos fazer revolução nenhuma, nós vamos lutar por uma aliança com os liberais pra derrotar o regime militar. (BRANDÃO, 2010a).

Para Brandão a experiência d’*A Voz* implicava a primeira tentativa robusta de reorganizar o PC nacionalmente nos estertores de 1964. Tratava-se, conforme vimos, de um esboço, uma preparação para o PC reassumir a condição de legalidade e uma via de aglutinação dos militantes para o período democrático vindouro e em consonância com a própria democracia que deveria ser encarada como um valor em si mesmo, um valor universal e condição *necessária* para qualquer projeto socialista que se considere enquanto tal.

Para realizar o projeto d’*A Voz* consoante com os objetivos do grupo de jovens intelectuais comunistas vinculados ao projeto da *democracia como valor universal*, Brandão assume com “mãos de ferro” a condição de editor-chefe do jornal:

[...] casando técnicas jornalísticas modernas e empenho pela democracia política. Se não o fizesse, percebi, seria submergido pelo português ritualístico e professoral que costuma ser o das publicações de esquerda, ou tornaria o jornal mera reprodução da confusão mental, sectarismo político e arcaísmo ideológico que a ausência de discussão e ação coletivas disseminara naquela força política. (BRANDÃO, 2010b, p. 55)

Sem dúvida, se desde a *Temas* o grupo de Chasin considerava Brandão e seus colegas “[...] o grupo que era partidário da democracia como valor universal” (BRANDÃO, 2010b, p. 55), os portadores do *italianismo*, n’*A Voz* essa opção política se consolida tanto na opção estética²² do novo jornal do PC quanto no modelo de Partido a ser seguido, o PCI. Nos ecos de Berlinguer recepcionados de forma mais apaixonada por Coutinho (1979), a possibilidade de superação da *via prussiana* brasileira pela via democrática foi a aposta mais contundente abraçada por Brandão no seu projeto d’*A Voz*. O resultado imediato dessa empreitada, para além de atritos com o Comitê Central do PC e boicotes, foi um *interregno* profissional melancólico durante o qual Brandão, a partir de junho/julho de 1981, é retirado da condição de editor-chefe do jornal e amarga dez meses de desemprego.

Dentre as motivações para ser convidado a sair da condição de editor-chefe, Brandão reputa justamente a tudo que tentou plasmar no jornal, o que envolveu a direção política que tentou imprimir, até o estilo de vida “boêmio” que escandalizava as gerações mais velhas. Ainda, a proposta de Coutinho (1979) endossada por Gildo era demasiado heterodoxa para ser considerada, *ipsis litteris*, uma via comunista de atuação, muitíssimo influenciada pelo *eurocomunismo* e dotada até mesmo de um aparato conceitual inovador (LUCCA-SILVEIRA, 2017). Após esta experiência, Gildo Marçal Brandão se desliga do Partido oficialmente em 1985 para retomá-lo enquanto objeto de reflexão, e não mais como militante, somente a partir do ano de 1987 quando ingressa no doutorado em Ciência Política da Universidade de São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - O COMUNISMO *EM* GILDO MARÇAL BRANDÃO

Ao rumar definitivamente para a universidade enquanto opção de carreira, até mesmo por sugestão médica²³, Brandão ingressa em 1987 no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade de São Paulo²⁴ onde iniciou e concluiu seu doutoramento sob orientação de Francisco Weffort. A tese, intitulada *Partido Comunista*,

²² Brandão (2010a) cita a revista comunista *Rinascita* como referência estética para o projeto.

²³ “[...] meu médico me disse que se eu continuasse vivendo do jeito que eu continuo, eu não sobreviveria [...] eu tinha que mudar de vida. Aí eu decido, aí coincide com o fim da minha relação com o PC, já não aguento mais aquilo.[...] é [...] tem uma mudança geral [...] e eu decido voltar pra Universidade.”(BRANDÃO, 2010a).

²⁴ Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/8561300101174924>, acesso em 31 de março de 2016.

capitalismo e democracia – um estudo sobre a gênese e o papel político da esquerda brasileira: 1920-1964, foi aprovada em maio de 1992 diante de banca constituída por Paul Singer, Carlos Nelson Coutinho, Boris Fausto, Leôncio Martins e presidida por Weffort (BRANDÃO, 2010a). O trabalho tornou-se livro em 1997, lançado pela editora Hucitec. Contudo, antes mesmo da conclusão da tese que iria se tornar livro, há um *continuum* de reflexão iniciado em 1988, tendo o PC como ator central a ser analisado e a própria política brasileira do século XX, o ecossistema do Partido. Este trabalho cumulativo, tendo o PC enquanto mote, irá persistir até o ano de 2008 em prefácio para o livro de Geraldo Majella sobre o PCB em Alagoas²⁵. Portanto, o trabalho de Brandão enquanto cientista social profissional e analista metódico do PCB somou mais ou menos duas décadas²⁶.

Em quatro artigos²⁷, três *papers*²⁸, um prefácio²⁹ e uma tese tornada livro³⁰, o militante transferiu ao analista as preocupações com a democracia representativa, com

²⁵ MAJELLA, Geraldo de (org.). (2008). *O PCB em Alagoas: documentos*, vol. 1. Maceió: Edufal.

²⁶ Evidentemente há outras produções anteriores ao período mencionado elaboradas por Brandão sobre o PCB de caráter jornalístico, afinal nosso autor foi editor-chefe d’*A Voz da Unidade* como vimos. O cientista político alagoano também trabalhou como *ghostwriter*, junto de David Capistrano e Luiz Werneck Vianna, no livro *Partidão – a luta por um partido de massas (1922-1974)*, lançado em 1982 pela Hucitec e atribuído oficialmente ao dirigente comunista Moisés Vinhas. Sobre este trabalho nosso autor justifica da seguinte maneira: “[...] o livro devia servir de plataforma para a recondução do dirigente ao Comitê Central, em um período em que a luta interna no PC, que vivia entre seus estertores, tornava praticamente impossível a “direita” partidária da democracia como valor universal e o conservadorismo dos velhos dirigentes vinculados espiritualmente à União Soviética e pouco dispostos a passar o que julgavam criatura sua para as mãos dos que lhe poderiam insuflar alguma sobrevida.” (BRANDÃO, 2010b, p. 64).

²⁷ Em ordem cronológica: 1) BRANDÃO, Gildo Marçal. Sobre a fisionomia intelectual do partido comunista. In: *Lua Nova*. São Paulo: CEDEC, n.3, vol. 4, jul/set., 1988, p.133-149; 2) BRANDÃO, Gildo Marçal. O partido comunista como “esquerda positiva”. In: *Lua Nova*. São Paulo: CEDEC, n. 35, 1995, p.183-201; 3) BRANDÃO, Gildo Marçal. A ilegalidade mata: o partido comunista e o sistema partidário (1945/64). In: *Revista brasileira de ciências sociais*. São Paulo: vol. 12, n. 33, 1997.; 4) BRANDÃO, Gildo Marçal. O significado do prestígio na vida política brasileira. In: *História Viva*. São Paulo: Vol. Especial. 2006, p.45-50.

²⁸ 1) BRANDÃO, Gildo Marçal. Álbum de família: estudo sobre a derrota do PC no limiar de 1968. Paper apresentado no XII Encontro Anual da ANPOCS, Grupo de Trabalho “Partidos e Movimentos de Esquerda”, Águas de São Pedro, SP. 1988, 30 pp; 2) BRANDÃO, Gildo Marçal. O PC às vésperas da cisão marighellista: o poder local como tática de acumulação de forças. Paper apresentado no XIII Encontro Anual da ANPOCS, Grupo de Trabalho “Partidos e Movimentos de Esquerda”, Caxambu, MG. 1989, 30 pp.; 3) BRANDÃO, Gildo. Partido ilegal e o sistema partidário: o PC entre 1945 e 1964. Paper apresentado no XVI Encontro anual da ANPOCS, Grupo de Trabalho Partidos e Movimentos de Esquerda, Caxambu, MG, 1992, 18 pp..

²⁹ Em Majella, *Op. Cit...*

³⁰ Brandão, 1997a, *Op. Cit.*

destaque para o problema da concorrência eleitoral. Para Brandão, a singularidade de o PCB ser um partido interdito no espaço público brasileiro, a sua proibição de participação em eleições em boa parte de sua existência e a cassação daqueles que obtiveram mandato nos curtos momentos de legalidade, tudo isso explica a desconfiança de parte de seus militantes com a disputa política “dentro da ordem”.

Ainda, em seus trabalhos analíticos, há um curioso movimento. Brandão não estudou sua geração de militantes, os “politicistas” ou “italianistas”. Mas, de alguma maneira em parte de seus trabalhos, as poucas experiências bem sucedidas do PC na concorrência eleitoral, as possibilidades promissoras do Partido em capilarizar-se no imaginário social enquanto partido legal capaz de “falar em seu próprio nome”, algo que costumava dizer com frequência, aparecem como antecedentes de seu grupo. O PC na disputa institucional, mesmo que com todos seus limites e timidamente, criaria uma “contra-elite dotada de consciência estatal” (BRANDÃO, 1997), mesmo com sua atuação na clandestinidade. Por isso dialeticamente na imaginação e talvez também no desejo político de nosso autor, o PC poderia ter sido verdadeiramente gigante *na ordem* se não fosse alternativa histórica suprimida concretamente. De uma forma ou de outra, este trabalho de *restauração histórica* feito pelo Brandão analista funciona como uma espécie de genealogia, consciente ou não, onde se desenharia o DNA de sua geração de militantes.

Finalizando, há um traço importante que irá influenciar até mesmo posteriormente o projeto das *Linhas do Pensamento Político Brasileiro* (BRANDÃO, 2005). Brandão foi um agente de militância intelectual em seu país. Este tipo específico de atuação política e de intervenção no espaço público o fez destacar a importância, e até mesmo a necessidade, da reflexão de alto nível que ele demanda para o Partido enquanto militante, posteriormente enquanto analista. Mais adiante, faz com que ele busque o que há de construção sistemática nas autointerpretações sobre nossos dilemas, tendo os intelectuais como figuras de proa. Por tudo isso podemos afirmar que a vocação por compreender as sutilezas da relação entre instituições, ideias, intelectuais, política e Brasil aparentemente têm sua origem nas angústias, experiências, opções e militância comunista do ainda jovem Gildo Marçal Brandão.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Glauca Maria Tinoco. (2011). *A produção dos lukacsianos brasileiros: 1960-2000*. 295 f. Tese de doutorado em Sociologia – UFPE, Recife.
- BASTOS, Elide Rugai. (2010). Gildo Marçal Bezerra Brandão (1949-2010): um analista do pensamento brasileiro. In: *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol.53, n.1, p.05-10.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (2010a). *Entrevista com Gildo Marçal Brandão sobre o papel da esquerda no Brasil concedida a Ricardo Carvalho*. São Paulo: Fapesp; CEDEC; Instituto Vladimir Herzog, 1. DVD (104 min.).
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (2010b). Memorial. In: COELHO, Simone de Castro Tavares (org.). *Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, p.27-99.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (2005). Linhagens do pensamento político brasileiro. In: *Dados – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 48, n.2, p.231-269.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (1997). *A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964*. São Paulo: Hucitec,
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (1989). O PC às vésperas da cisão marighellista: o poder local como tática de acumulação de forças. In: *XIII Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, MG. 23-27 out. p.01-30.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. (1988) Sobre a fisionomia intelectual do partido comunista. In: *Lua Nova*. São Paulo: CEDEC, n.3, vol. 4, jul/set., p.133-149.
- BRANDÃO, Gildo Marçal & NOGUEIRA, Marco Aurélio. Temas, três anos depois: produção teórica, luta ideológica, unidade política. In: COELHO, Simone de Castro Tavares (org). *Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2010, p.201-216.
- BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. (2010). acesso em 02 mar. 2015. A alegria e a fraternidade não foram perdidas. In: *Folha de São Paulo*. 26. fev. 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2602201009.htm>,.
- CHASIN, José. (1976). A “politicização” da totalidade: oposição e discurso econômico. In: *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo: Editorial Grijalbo.
- CLIFF, Tony. (1975). *Lenin 1 – Building the party (1893-1914)*. London: Pluto Press.
- COELHO, Simone de Castro Tavares (2010). *Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais*. São Paulo: Hucitec & Fapesp.
- COUTINHO, Carlos Nelson. (1979). A democracia como valor universal. In: *Encontros com a civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Vol. 09, p.33-47.
- HOBBSWAM, Eric J. (2002). *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- KFOURI, Juca. (2014). Acesso em 23 out. de 2014. Gildo Marçal Brandão. In: *Blog do Juca*. Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br/2010/02/gildo-marcal-brandao-1949-2010/>,.

- LAHUERTA, Milton. (2001). Intelectuais e resistência democrática: vida acadêmica, marxismo e política no Brasil. In: *Cadernos Arquivo Edgar Leuenroth*. V. 08, n.14/15, p.57-92.
- LESSA, Renato. (2011). Da interpretação à ciência: por uma história filosófica do conhecimento do conhecimento político no Brasil. In: *Lua Nova*. São Paulo, n.82, p.17-60.
- LUCCA-SILVEIRA, Marcos Paulo. (2017). Intelectuais comunistas e a questão da democracia no Brasil: In: *Lua Nova*. São Paulo: CEDEC, n.101, p.53-87.
- MANNHEIM, Karl. (1982). O problema sociológico das gerações. In: FORACHI, Marialice Mencarini (org.). *Karl Mannheim (Col. Grandes Cientistas Sociais)*. São Paulo: Ática, p.67-95.
- MOTTA, Rodrigo Pato Sá. (2013). A cultura política comunista: alguns apontamentos. NAPOLITANO, Marcos, CZAJKA, Rodrigo & _____(orgs). *Comunistas brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Edufmng, p.15-37.
- NIERI, Ederaldo Luiz. (2007) *Duas formas de recepção de Lukács no Brasil: estética e ontologia*. 209 f..Dissertação de mestrado em Sociologia- UNESP, Marília.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. (1983). Comunistas, comunismo: o desafio da renovação. In: *Presença – Revista de Cultura e Política*. São Paulo: Editora Caetés, nov..
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. (2009). O valor de uma geração. In: *Lua Nova – Revista de Cultura e Política*. São Paulo: CEDEC, n. 78, p.23-28.
- ONOFRE, Gabriel da Fonseca (2010). San Tiago Dantas e a Frente Progressista. In: *Anais da Segunda Jornada Discente do Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 13 pp..
- PÉCAUT, Daniel.(1990). *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática.
- RAGO FILHO, Antônio & VAISMAN, Ester. (2008). A trajetória de J. Chasin: teoria e prática a serviço da revolução social – Entrevista realizada por Lucia Ap. Valadares Sartório e Vânia Noeli Ferreira de Assunção. In: *Verinotio – Revista on-line de educação e ciências humanas*. N.9, ano V, nov. p.221-298.
- RAMOS, Carlos Alexandre. (2013). *A democracia no pensamento político dos comunistas brasileiros (1979-1983)*. 272f. Tese de Doutorado em Ciência Política - UFScar, São Carlos, 272pp.
- RICUPERO, Bernardo. (2000). *Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil*. São Paulo: DCP/USP; Fapesp; Ed. 34.
- RIDENTI, Marcelo. (2009). O Gildo que conheci. In: *Lua nova – revista de cultura e política*. São Paulo: CEDEC, n. 78, p.29-35.
- RIDENTI, Marcelo. (2010). Intelectuais e modernidade: Marshall Berman e seu público brasileiro. In: *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília: jan./jul p.289-316.
- SALLUM JR., Brasília. (2010). Trajetória interrompida. In: COELHO, Simone de Castro Tavares (org.). *Gildo Marçal Brandão: itinerários intelectuais*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, p.17-24.
- SCHWARZ, Roberto. (1999). Um seminário de Marx. In: *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, p.104-128.

STÁLIN, Josef. (1954). *Obras escolhidas*. vol. 06. São Paulo: Editorial Vitória.

SOARES, Luiz Eduardo. (2010). As duas almas de um homem à altura de seu tempo. In: *Novos Estudos Cebrap*. São Paulo, p.179-185.

VALDATI, Nilcéia. (1998). Escrita: uma trajetória descontínua. In: *Boletim de Pesquisa NELIC*. Florianópolis, Edufsc, v. 2, n. 3, p.30-35.

VIANNA, Luiz Werneck. (2006). Entrevista. In: BASTOS, Elide Rugai (et. All.). *Conversas com sociólogos brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, p.161-181.

George Gomes Coutinho

Doutor em Ciência Política (PPGCP/DCP/UFF), professor adjunto da área de Ciência Política no Departamento de Ciências Sociais de Campos, Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, RJ. Pesquisador do Imagina-Sul (Grupo de Estudos e Pesquisas da Imaginação e do Pensamento Político-Social ao Sul do Mundo)